

ATA DA SEPTUAGÉSIMA NONA SESSÃO ORDINÁRIA DA SEGUNDA SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA DÉCIMA SÉTIMA LEGISLATURA, EM 23-8-2018.

Aos vinte e três dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezoito, reuniu-se, no Plenário Otávio Rocha do Palácio Aloísio Filho, a Câmara Municipal de Porto Alegre. Às quatorze horas e quinze minutos, foi realizada a segunda chamada, na qual registraram presença Adeli Sell, Aldacir Oliboni, Alvoni Medina, André Carús, Cassio Trogildo, Cassiá Carpes, Comandante Nádia, Dr. Goulart, Fernanda Melchionna, José Freitas, Mauro Pinheiro, Mendes Ribeiro, Moisés Barboza, Mônica Leal e Valter Nagelstein. Constatada a existência de quórum, o Presidente declarou abertos os trabalhos. Ainda, durante a Sessão, registraram presença Dr. Thiago, Felipe Camozzato, Idenir Cecchim, João Bosco Vaz, João Carlos Nedel, Marcelo Sgarbossa, Mauro Zacher, Márcio Bins Ely, Paulinho Motorista, Prof. Alex Fraga, Reginaldo Pujol e Sofia Cavedon. Em prosseguimento, foi aprovado Requerimento verbal formulado por Mônica Leal, solicitando alteração na ordem dos trabalhos da presente Sessão. Os trabalhos foram suspensos das quatorze horas e dezenove minutos às quatorze horas e vinte e um minutos. Após, foi iniciado o período de COMUNICAÇÕES, hoje destinado a assinalar o transcurso do Dia do Soldado, nos termos do Requerimento nº 019/18 (Processo nº 0250/18), de autoria da Mesa Diretora. Compuseram a Mesa: Valter Nagelstein e Mônica Leal, presidindo os trabalhos; Geraldo Antônio Miotto, Comandante Militar do Sul; José Carlos de Nardi, antigo chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas; Edson de Oliveira Goulart, ex-Secretário de Segurança do Estado do Rio Grande do Sul; Amaury Marcial Gomes Júnior, representando o Comando do 5º Distrito Naval; Leandro da Silva Souza, representante da Ala 3 da Força Aérea Brasileira; Luiz Carlos Rodrigues Padilha, Assessor de Relações Institucionais do Comando Militar do Sul; e Jorge Krieger de Mello, Presidente da Força Expedicionária Brasileira. A seguir, foi ouvido o Hino Nacional, executado pela Fanfarra do 3º Regimento de Cavalaria de Guarda. Em COMUNICAÇÕES, pronunciaram-se Mônica Leal, representando a Mesa Diretora, Comandante Nádia e João Bosco Vaz. Também, Valter Nagelstein pronunciou-se em Tempo de Presidente. Após, o Presidente concedeu a palavra a Geraldo Antônio Miotto, que se pronunciou acerca da presente solenidade. Em COMUNICAÇÃO DE LÍDER, pronunciaram-se Márcio Bins Ely, Idenir Cecchim e Reginaldo Pujol. A seguir, foram ouvidos o Hino Rio-Grandense e a Canção do Exército, executados pela Fanfarra do 3º Regimento de Cavalaria de Guarda. Os trabalhos foram suspensos das quinze horas e quarenta e três minutos às quinze horas e cinquenta e três minutos. Em prosseguimento, o Presidente concedeu a palavra, em TRIBUNA POPULAR, a Lucas Volpato, representando o Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio Grande do Sul –, que se pronunciou acerca do Fundo Monumenta. Após, nos termos do artigo 206 do Regimento, Reginaldo Pujol, Dr. Goulart, Prof. Alex Fraga e João Carlos Nedel manifestaram-se acerca do assunto tratado durante a Tribuna Popular. Os trabalhos foram suspensos das dezesseis horas e vinte minutos às dezesseis horas e vinte e um minutos. Em PAUTA, Discussão

Preliminar, estiveram: em 1ª Sessão, os Projetos de Lei do Legislativo nºs 020, 028, 032, 037, 089, 081 e 104/18, estes dois últimos discutidos por Reginaldo Pujol, e os Projetos de Resolução nºs 017 e 022/18; em 2ª Sessão, os Projetos de Emenda à Lei Orgânica nºs 001 e 002/18, este discutido por Prof. Alex Fraga, o Projeto de Lei Complementar do Executivo nº 009/18, o Projeto de Lei do Executivo nº 027/17, discutido por Reginaldo Pujol, e o Projeto de Lei do Legislativo nº 272/17. Às dezesseis horas e trinta e três minutos, a Presidenta declarou encerrados os trabalhos, convocando os vereadores para a próxima sessão ordinária. Os trabalhos foram presididos por Aldacir Oliboni, Valter Nagelstein e Mônica Leal e secretariados por José Freitas. Do que foi lavrada a presente Ata, que, após distribuída e aprovada, será assinada pelo 1º Secretário e pelo Presidente.

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): A Ver.^a Mônica Leal está com a palavra.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP) (Requerimento): Sr. Presidente, solicito a alteração da ordem dos trabalhos, para que possamos, imediatamente, entrar no período de Comunicações. Após retornamos à ordem normal.

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): Em votação o Requerimento de autoria da Ver.^a Mônica Leal. (Pausa.) Os Srs. Vereadores que o aprovam permaneçam como se encontram. (Pausa.) **APROVADO.**

Passamos às

COMUNICAÇÕES

Estão suspensos os trabalhos.

(Suspendem-se os trabalhos às 14h19min.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB) – às 14h21min: Estão reabertos os trabalhos.

Hoje, este período é destinado a assinalar o transcurso do Dia do Soldado, nos termos do Requerimento nº 019/18, de autoria da Mesa Diretora.

Convidamos para compor a Mesa o General de Exército Geraldo Antônio Miotto, Comandante Militar do Sul; o General de Exército José Carlos de Nardi, antigo chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas; o General de Brigada Edson de Oliveira Goulart, ex-Secretário de Segurança do Estado do Rio Grande do Sul; o Capitão de Mar e Guerra Amaury Marcial Gomes Júnior, representando o Comando do 5º Distrito Naval; e o Major Leandro da Silva Souza, representante da Ala 3 da Força Aérea Brasileira.

Informo a presença, entre nós, do nosso estimado General de Brigada Luiz Carlos Rodrigues Padilha, Assessor de Relações Institucionais do Comando Militar do

Sul, a quem cumprimento, cumprimentando todos os oficiais, os oficiais de ligação com este Legislativo, como o Coronel Cantagalo, o Coronel Litvinski, enfim, todos os senhores e senhoras. Convidamos o General Padilha e o Sr. Jorge Krieger de Mello, Presidente da Força Expedicionária, a também fazerem parte da Mesa.

Convidamos todos os presentes para, em pé, ouvirem o Hino Nacional, executado pela Fanfarras do 3º Regimento de Cavalaria de Guarda, sob a regência do Tenente Braga.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): A Ver.^a Mônica Leal, em nome da Mesa Diretora, está com a palavra em Comunicações.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Boa tarde, com orgulho e respeito me manifesto pelo transcurso do Dia do Soldado, que é lembrado hoje na Câmara Municipal de Porto Alegre. Muito me alegra, mais uma vez, sugerir à Mesa Diretora a mesma homenagem que tanto o meu pai, Coronel Pedro Américo Leal, enquanto Vereador, propôs a esses verdadeiros defensores da nossa Pátria. A cada ano baseio a minha fala nos principais pontos históricos e na importância do soldado para a instituição maior, Exército Brasileiro, e para o Brasil, lembrando o dia do nascimento do patrono Duque de Caxias. Sabemos que o exemplo, os valores e o legado de Caxias regem a caminhada e o espírito de cada jovem que se alista, que inicia na carreira militar e se coloca a serviço da pátria, representando a primeira graduação, a base, a essência das nossas Forças Armadas. Os brasileiros e brasileiras que vestem a farda se colocam à disposição do País para enfrentar os mais diversos desafios. Sem dúvida, hoje, esse desafio chama-se “cidade do Rio de Janeiro”, onde esta semana, por desventura, três militares do Exército morreram baleados em confrontos com criminosos durante uma grande operação que resultou em muitos presos, suspeitos mortos, apreensão de granadas, fuzis, munições e drogas. Eles cumpriam seu dever junto à intervenção federal na segurança, que foca nos complexos do Alemão, da Maré e da Penha, na zona norte do Rio. O Soldado Marcos Vinícius, o Cabo Fabiano e o Soldado Paraquedista João Vítor atuavam na missão de proporcionar um ambiente seguro e estável aos habitantes cariocas partindo daqueles locais de maior conflito. A intervenção com a presença de militares é realizada desde fevereiro deste ano e enfrenta muitos obstáculos, resistências e transpõe barreiras diariamente, e se fez necessária com o agravamento da dominação do tráfico e das facções que se estabeleceram, e agora, infelizmente, houve três baixas. Quando o Estado perde o controle da segurança pública, urge a intervenção das Forças Armadas para que a ordem se restabeleça. E foi isso que aconteceu no Rio de Janeiro, mas toda a população brasileira também clama por segurança na expectativa e na esperança do estabelecimento de um Brasil de paz para a sociedade de bem. E o Exército Brasileiro, instituição de grande credibilidade, com seus bravos soldados, nos assegura dignidade, liberdade e direito de ir e vir. Esses guerreiros, que não fogem a luta, têm representado

uma posição de referência e confiança para os cidadãos com sua presença nas ruas de algumas capitais brasileiras onde, por diferentes motivos, se uniram e incrementaram o apoio à segurança pública dos Estados.

Falo, então, em homenagem àqueles três jovens soldados que se foram no exercício das suas funções e a todos que estão nos batalhões, nos quartéis, nos constantes treinamentos e aperfeiçoamentos, em campanhas nacionais como as de vacinação e combate a doenças, no auxílio, quando de enchentes e calamidades públicas, no controle das fronteiras, no acesso a áreas difíceis, em grandes obras viárias, em eventos esportivos, seja nas missões de paz e, quando necessário, nas de guerra, sempre em benefício do povo e pela manutenção da ordem. E me dirijo aos militares aqui presentes neste plenário, autoridades representantes do Exército brasileiro, à Fanfarra do 3º RCG que abrilhanta esse momento que a Câmara Municipal de Porto Alegre dedica ao Dia do Soldado, e a todos que já estiveram e estão de prontidão para defender o nosso País, a nossa pátria. Como Vereadora de Porto Alegre, comprometida com as causas militares e da segurança, como filha orgulhosa de um militar, é sempre uma tarefa cívica tornar pública e ampliar a minha gratidão prestando homenagem ao soldado brasileiro. Muito obrigada pelo privilégio, mais uma vez, de estar aqui com vocês num dia tão importante para o Brasil. (Palmas.)

(Não revisado pela oradora.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): Muito obrigado, Ver.^a Mônica Leal. A Ver.^a Comandante Nádia está com a palavra em Comunicações.

VEREADORA COMANDANTE NÁDIA (PMDB): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Mais um vinte e cinco de agosto, Dia do Soldado, dia dos que doam suas vidas para o bem comum da sociedade. Bem comum esquecido nos dias atuais. Dia dos que constroem pontes, dia dos que socorrem vítimas, dia dos que gerenciam confrontos, dos que mediam crises, dos que doam sangue, dos que auxiliam nas vacinações. Dia 25 de agosto, dia do soldado que doa sua vida, que leva a paz a diversas nações, que cria a paz dentro dos seus quartéis e dentro da sua cidade. Dia do soldado do Exército, do soldado da Aeronáutica, do soldado da Marinha, do soldado da Polícia Militar. Dia daqueles que são imprescindíveis para que nós tenhamos uma Nação com paz, com segurança e com legitimidade de honrar a bandeira do Brasil.

Dói em mim – que sou mãe de três meninos – ver jovens brilhantes que tombaram. E aqui eu faço valer os nomes do Cabo Fabiano de Oliveira Santos, do Soldado João Vitor da Silva, do Soldado Marcos Vinícius Viana Ribeiro, do Cabo Valdeci, que foi degolado em plena Esquina Democrática, ou podemos dizer esquina dos horrores. Se pensam que o risco de sermos feridos em combate ou de morrermos simplesmente porque somos soldados, se pensam que isso nos amedronta, nos acovarda, nos diminui, é porque seguem, alguns da sociedade, desconectados da realidade que vivemos. Nós seguimos mais fortes, mais determinados e encorajados a proteger a

sociedade brasileira, muitas vezes dos próprios indivíduos que a integram. Para cada um de nós que tomba, o nosso foco na missão fica mais nítido – e assim tem que ser, General Miotto. Tantos quantos soldados que tombaram em serviço em honra do Brasil, em honra do Rio Grande do Sul, e eu tenho muito a agradecer pelos seus exemplos, pelo seu esforço, esforço máximo entregando com edificante dignidade ao povo brasileiro o que de mais precioso o ser humano possui, que são as suas vidas.

Vou ler aqui uma carta a El-Rei de Portugal, de 1893, que muito diz para os dias atuais. (Lê.): “Senhor, umas casas existem, no vosso reino onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de corneta, se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de corneta, se deitam obedecendo. Da vontade fizeram renúncia como da vida. Seu nome é sacrifício. Por ofício desprezam a morte e o sofrimento físico. Seus pecados mesmo são generosos, facilmente esplêndidos. A beleza de suas ações é tão grande que os poetas não se cansam de a celebrar. Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por militares... Corações mesquinhos lançam-lhes em rosto o pão que comem; como se os cobres do pré pudessem pagar a liberdade e a vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros demais, como se alguma coisa houvesse mais cara que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação [brasileira] do estrangeiro e de si mesma. Pelo preço de sua sujeição, eles compram a liberdade para todos [os brasileiros] e os defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, algum dia o farão. E, desde hoje, é como se o fizessem. Porque, por definição, o homem da guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai coragem, e à sua direita a disciplina.” A esses jovens que tombaram e a tantos outros jovens que são o esteio da Nação Brasileira o meu muito obrigado pelas crianças, pelos adolescentes que estão aí na luta do dia a dia. E a minha eterna consciência a todos os senhores. (Palmas.)

(Não revisado pela oradora.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): Muito obrigado, Ver.^a Comandante Nádia. O Ver. João Bosco Vaz está com a palavra em Comunicações.

VEREADOR JOÃO BOSCO VAZ (PDT): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Vou fazer um discurso bastante intimista. Estava sentado, olhando esta Mesa, olhando as pessoas fardadas aqui e me deu uma saudade muito grande do meu pai, Tenente Vaz. Serviu a vida toda no 12º Regimento de Cavalaria em Bagé, hoje B Log. E ele amava tanto essa missão, ele amava tanto o 12º de Cavalaria, Sr. General, que, cada vez que ele era promovido, ele dava um jeito de baixar no Hospital Militar para não ser transferido e poder ficar no 12º de Cavalaria, que ele amava tanto. Eu sou um político, sou um Vereador de quinto mandato, tenho posições políticas, mas eu tenho uma criação, que, sempre que eu lembro do meu pai, que fez a

passagem com 93 anos, em cada desfile militar, quando convidavam os reservistas, ele ia, por toda a cidade, fazer o desfile. Eu sou muito agradecido pela educação que eu tive. Um pai militar, uma mãe professora, mas aquele pai militar soube me dar princípios, soube me ensinar valores, soube me impor limites, e soube, acima de tudo, fazer com que respeitasse e respeite o superior e reconheça a hierarquia. E o que se vê hoje, neste País, é que ninguém respeita ninguém. As famílias estão se destruindo, é pai que não respeita filho, é filho que não respeita pai, são filhos que não cuidam dos pais. E isso eu trago do meu berço. Lembro de quantas e quantas vezes frequentei o 12º Regimento da Cavalaria, lembro das marchas para a granja do 12º. Eu menino, ordenança do meu pai, ia em casa com o cavalo e me buscava para ir ao campo do pólo. Fiz marchas, e quis o destino que eu fosse para o jornalismo, tanto que eu iria fazer, em Bagé, o NPOR, tinham 30 vagas e 50 inscritos. E o Capitão Celestino – nunca vou esquecer disso – disse: “tu és filho do Vaz? se tu és filho do Vaz, tu vais servir; se tu és igual ao teu pai, tu tens de servir”. Mas eu amava o jornalismo e amo, e aí fui para o jornalismo. Vi que meu pai aceitou aquilo como pai, mas não engoliu. Se é isso que tu queres, então, vá fazer isso. Então, quero deixar aqui o meu abraço, porque quem é soldado é soldado sempre, não precisa ter servido, não precisa ter incorporado, não precisa ter vivenciado. Eu, quando quero matar a saudade do meu pai, e digo aqui com toda a sinceridade, eu faço parte de uma confraria, às terças-feiras, lá no Geraldo Santana, chamada Terça Pobre, e quando eu quero lembrar da Cavalaria, das Comunicações, da Intendência, nas terças-feiras, estão lá, e eu participo. Honrou-me muito, quando meu pai, já doente, disse: “Olha, tem uma pasta” – todo soldado, todo militar tem uma pasta – “azul, em tal lugar, lá está o seguro do Gboex, não esquece de pagar a mensalidade da tua mãe do Geraldo Santana, vai no 12º, que hoje é B Log, repassa para ela a pensão” – e, embaixo, estava lá uma frase –, “Por favor, me enterra enrolado na capa da Cavalaria.” E assim ele foi enterrado: na capa da Cavalaria. Muito obrigado. (Palmas.)

(Não revisado pelo orador.)

(A Ver.^a Mônica Leal assume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Valter Nagelstein está com a palavra em Tempo de Presidente.

VEREADOR VALTER NAGELSTEIN (PMDB): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) O Ver. Bosco nos emocionou a todos, porque ao lembrar o pai dele, imediatamente lembrei-me do meu. Agradeço ao General, que há poucos dias, no Tribunal Militar do Estado, esteve lá, como tantos outros amigos, rendendo honras à memória do meu pai, colegas Vereadores. Nessas mesmas ruas que o Bosco falou, eu também me criei; na Rua Rodrigues Lima, a uma quadra do edifício dos militares; um pouco acima da minha casa, o 3º RC Mec; do outro lado, o quartel-general do 12º Regimento, que hoje é o B Log, e a artilharia, que era comandada

pelo Coronel Carneiro, pai de um amigo meu de infância, que hoje está no Gboex. As palavras são tão bonitas, todas as três, todas me calaram fundo, como tenho certeza de que a todos nós, mas a expressão servir, que parece ser singela, é revestida de um significado tão profundo, porque essa é a tarefa do soldado e essa deveria ser a tarefa de cada um de nós, como soldados da construção de um país melhor, deste Brasil tão maltratado, tão descuidado, que nós tanto deveríamos amar, inspirados no exemplo dos soldados de servir e edificar uma Nação melhor, meus queridos colegas Alvoni, Camozzato.

São 8 milhões de quilômetros quadrados, mais de 200 milhões de habitantes, um País de dimensões continentais, e tem essas dimensões continentais graças ao nosso Exército Brasileiro. Quem gosta de história, quem estuda história sabe: isso ocorreu desde os tempos do Império, especialmente no segundo reinado, quando D. Pedro II encarrega o Patrono do Exército de fazer a pacificação das grandes revoltas brasileiras, e, antes disso, nós, aqui no Sul, já havíamos consolidado as nossas fronteiras meridionais com o sangue do soldado brasileiro. Caxias, o Patrono do Exército, o herói do Brasil, o Pacificador, marchou, inclusive – e poucas pessoas sabem, nem eu, até pouco tempo –, em Buenos Aires, liderando 16 mil bravos e valentes soldados brasileiros que haviam deposto um ditador. Aqui, forças estrangeiras, alienígenas, de fora, invadiam as fronteiras do Brasil e matavam os brasileiros – homens, mulheres, crianças, pais de famílias –, degolavam os brasileiros, pegavam os seus documentos e colocavam nas narinas dos mortos. A partir disso, gerou-se uma mobilização que acabou passando para história com o nome de califórnia, porque saíam as incursões militares caminhando rumo a Oeste, daqui, espanando, vamos dizer assim, aqueles que eram os ofensores da integridade nacional e da cidadania brasileira. Quem entrega o seu sangue e o seu tempo? O Exército Brasileiro. Esse é o soldado do Brasil. Eu poderia, quiçá, citar outros tantos episódios, mas vou me restringir a esse e a um mais recente. Este ano, eu tive a honra, aqui na minha gestão, de poder fazer um evento que foi a lembrança dos nossos expedicionários na 2ª Guerra Mundial, outra página de ouro da história do nosso País, quando a humanidade é assombrada pela perspectiva do totalitarismo, por algumas ideologias deletérias, sanguinárias, assassinas, que exterminaram, de um lado, mais de 6 milhões de judeus; de outro lado, mais de 100 milhões de pessoas, desde as ditaduras de Stalin, passando por outras tantas. O Exército Brasileiro se colocou a favor da liberdade, da democracia, e deixou, nos campos da Itália, mais uma vez, o sangue heroico do nosso soldado, que nós estamos homenageando hoje.

Por isso, General, eu pedi este tempo, também para me somar. Certamente, não diria mais e nem além do que disse a Ver.^a Comandante Nádia nas suas belíssimas palavras, do que disse a nossa Vice-Presidente, a Ver.^a Mônica Leal, e do que disse o Ver. João Bosco Vaz, que nos calou tão fundo. Faço questão de também deixar registrada aqui esta manifestação de agradecimento. Se, mais uma vez, a Nação brasileira, que, sempre que precisa, chama os seus soldados, e, se esta Casa, no dia de hoje, se engalana e se pinta de verde oliva, exatamente para homenagear os senhores e as senhoras que compõem o nosso Exército Brasileiro e, extensivamente, os nossos

soldados da Brigada Militar, da Força Aérea Brasileira, da Marinha do Brasil, é um momento de lembrarmos que mais uma vez nós somos chamados a uma missão. O Poder Militar tem o seu espaço, tem as suas prerrogativas, tem a sua missão, e nós, como cidadãos, temos também a nossa missão, e essa missão é uma missão da democracia e da cidadania e se aproxima e nos chama. É hora de nós resgatarmos o nosso País! Não sem antes, me perdoem, eu quero abordar uma questão que é para mim, fundamental, General.

Mais uma vez, como sempre, em momentos de crise, o poder político do Brasil se lembra de chamar os militares, porque a cidadania brasileira clama, porque o cidadão brasileiro está sendo massacrado, 67 mil pessoas inocentes mortas, massacradas e assassinadas pela violência que, infelizmente, campeia nas nossas cidades; 40 mil mulheres estupradas por ano. Em momentos como este, mais uma vez, se lembram de chamar as Forças Armadas. Mas não é possível que nós chamemos as Forças Armadas sem dar às Forças Armadas, ao soldado, ao oficial as garantias que eles precisam para que socorram o povo brasileiro da forma como o povo brasileiro precisa e clama por socorro. Nós sabemos a disposição, nós sabemos a entrega que as Forças Armadas sempre estão dispostas a dar, mas é preciso que nós, poder político, façamos aquilo que é preciso ser feito. Se nós queremos a pacificação do nosso País, para falar do exemplo de Caxias; se nós queremos o apoio do nosso Exército Brasileiro, do soldado ao mais graduado oficial, aos nossos generais, nós precisamos poder político, em contrapartida, no sentido contrário, oferecer ao Exército Brasileiro, à Marinha do Brasil, à Força Aérea Brasileira e às Polícias Militares os instrumentos adequados para que eles não sejam vítimas, amanhã ou depois, de um sistema que está constituído hoje para punir quem está do lado do bem. É preciso que se dê essa salvaguarda; é preciso que se façam as alterações legislativas que são fundamentais. E desejo, rogo, peço que o novo Congresso Nacional que assume agora, eleito em outubro, que será daqui a 44 dias, mas que assume em 1º de janeiro, possa ter essa consciência, o mesmo sentimento de missão que tem o soldado brasileiro. Os nossos políticos nesse momento precisam se incorporar dele exatamente para que a gente salve o nosso País. Não é possível que uma Nação, em tempos de paz, tenha 100 mil pessoas mortas por ano; não é possível que uma cidade como Porto Alegre figure entre as 60 cidades mais violentas do mundo. Não é possível que um pai e uma mãe deixem o filho sair para a escola e, na porta da escola, tenha um traficante. Não é possível que um trabalhador brasileiro, que trabalha para ganhar R\$ 700,00, R\$ 600,00 por mês tenha o seu filho facilmente aliciado por facções criminosas para ser vapor do tráfico porque há mais *status* portar um fuzil e ganhar R\$ 100,00 por dia do que viver os valores do trabalho e da hierarquia, da decência e do esforço, que é a única forma de crescer na vida. É preciso resgatar tudo isso e é possível resgatar tudo isso olhando os bons exemplos, nos mirando nos bons exemplos, e não há melhor exemplo que se possa dar do que o exemplo desta instituição que é respeitada por todos os brasileiros, que se chama Exército Brasileiro. Muito obrigado ao Exército, muito obrigado ao soldado brasileiro, muito obrigado a todos vocês pelo sentimento de missão e pela edificação de um País que todos nós gostaríamos de viver. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Gostaria de fazer um registro. O Tenente Damasceno, que se encontra entre nós, relatou que, quando seu pai faleceu, ele foi enterrado, a seu pedido, com a farda do General Miotto. Isso mostra, deixa bem claro, cada vez mais, o quanto essa instituição para cidadãos comuns, para cidadãos verde-oliva, importa, como ela toca fundo e ela norteia as nossas vidas.

(O Ver. Valter Nagelstein reassume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): O General Geraldo Antônio Miotto está com a palavra.

SR. GERALDO ANTÔNIO MIOTTO: (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Eu quero agradecer esta Sessão em nome dos 54 mil militares do Comando Militar do Sul, que não estão atuando somente aqui no Sul. Eu cheguei hoje, à uma hora da manhã, de Boa Vista, de Pacaraima, lá no Estado de Roraima, onde 305 militares aqui do Sul estão trabalhando na operação de acolhida aos venezuelanos que estão vindo para o Brasil com muita fome, com muita pobreza, com muita necessidade. Os nossos militares estão atuando exemplarmente, fazendo um trabalho do Exército, da Marinha e da Força Aérea, que lá estão presentes. Vejam bem o que é o Comando Militar do Sul!

Hoje nós estamos aqui falando do Dia do Soldado, e, no Dia do Soldado, a gente fala de Caxias. Caxias foi um exemplo de militar, de cidadão e de político. Foi Senador na época do Império e também foi Senador designado pela Província de São Pedro do Rio Grande. Posso falar várias coisas de Caxias. Ele reorganizou o Exército na época da Guerra do Paraguai, ele foi o pacificador de revoltas, e quando a gente fala de pacificador, em especial aqui no Rio Grande do Sul, nós tivemos dez anos de guerra, de republicanos e de imperiais, e Caxias, lá em Ponche Verde, no dia 1º de março de 1845, editou um tratado de paz. Faço questão de ler alguns artigos do Tratado de Ponche Verde. Lá não teve anistia, porque, segundo Caxias, dois estados não podiam se anistiar – olhem bem a grandeza desse homem, como ele entendia de política. Ele e David Canabarro assinaram o tratado, lá em Ponche Verde, e hoje, lá em Dom Pedrito, temos duas estátuas, de dois cavaleiros montados, com suas bandeiras se entrelaçando: uma paz sem vencidos, sem vencedores. Vejam bem a grandeza desse homem: “Art. 1º – Fica nomeado Presidente da Província o indivíduo que for indicado pelos republicanos; Art. 2º – Pleno e inteiro esquecimento de todos os atos praticados pelos republicanos durante a luta, sem ser, em nenhum caso, permitida a instauração de processos contra eles, nem mesmo para reivindicação de interesses privados [É a anistia, só que não se podia falar em anistia.]; Art. 3º – Dar-se-á pronta liberdade a todos os prisioneiros e serão estes, às custas do Governo Imperial, transportados ao seio de suas famílias (...); Art. 6º – Serão revalidados os atos do Vigário Apostólico; Art. 7º – Está garantida pelo Governo Imperial a liberdade dos escravos que tenham servido nas fileiras republicanas (...) [nessa época já se tratava da igualdade racial]; Art. 8º – Os oficiais republicanos não serão constrangidos a serviço militar algum; e quando, espontaneamente, queiram

servir, serão admitidos em seus postos [como exemplo, o David Canabarro]; Art. 9º – Os soldados republicanos ficam dispensados do recrutamento; Art. 11º – O direito de propriedade é garantido em toda plenitude; Art. 12º – Ficam perdoados os desertores do Exército Imperial.”

Então, vejam bem a grandeza desse homem chamado Caxias. E o Exército de ontem, de Caxias, é o mesmo Exército de hoje. É o mesmo Exército, os mesmos valores, as mesmas missões, os mesmos ideais. O Exército tem uma trajetória neste País, começou lá em Guararapes, quando os brasileiros – negros, índios e brancos – lutaram para expulsar a Companhia das Índias. Esse Exército é aquele que luta contra os invasores: espanhóis, franceses, ingleses – piratas; é esse Exército que desenha a fronteira do Brasil. O Brasil tem essa fronteira de Oeste por causa das armas, da lança, do cavalo, do canhão, e da pólvora. Esse desenho do Brasil foi feito com as armas, praticamente todas elas. Sabemos que também Rio Branco tem uma participação muito grande. É o Exército que luta pela liberdade do seu povo – Inconfidência Mineira, Proclamação da Independência, República –, com as armas. Tem um Exército que luta pela soberania, soberania na guerra da Tríplice Aliança, aqui na banda oriental do Uruguai, na luta contra os castelhanos. Esse é o Exército. O Exército de ontem é o mesmo de hoje. O Exército que luta pela igualdade de raça, quando ele se nega a capturar os escravos, quando o Governo Imperial determina que vá capturar escravos, ele se nega. É o Exército de Rondon, que procura tratar os nossos irmãos brasileiros índios da mesma forma que todos os brasileiros. Esse é o Exército de ontem, é o mesmo de hoje. É o Exército que luta pela paz interna nas províncias do Império, todas aquelas revoltas, e também depois na República, em todas as revoluções que tivemos. O Exército vai para a Itália, como bem disse o nosso Presidente, combater o regime totalitário, nazista, fascista, com 25 mil combatentes – aqui temos a presença do Presidente da Associação dos ex-combatentes, os antigos combatentes da 2ª Guerra. É o Exército que também, na República, trata do desenvolvimento nacional na luta “o petróleo é nosso”, na construção de grandes estradas, rodovias, ferrovias – temos aí no Tronco Sul, feito pelo Exército –, com muita economia. E hoje também estamos em condições de trabalhar em muitas rodovias. Estamos no pior trecho da Cuiabá-Santarém, na BR-163, e estamos à disposição da BR-116. Estamos à disposição, temos capacidade, vontade e condições de trabalhar. Esse é o nosso Exército, o Exército das Forças de Paz.

Estão aqui os nossos os integrantes do Batalhão Suez, que foram lá para o Oriente Médio durante dez anos, um contingente muito grande de gaúchos. Esse é o nosso Exército. Temos muito orgulho, a nossa profissão é um sacerdócio, é uma doação. E tivemos aí, nesta Semana, três militares executados, praticamente, lá nos Complexos da Penha e do Alemão, onde temos muita intimidade – não é, General De Nardi? O senhor era o Chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas e eu era o Chefe do Estado Maior do Comando Militar do Leste no Rio. Ficamos oito meses ocupando aquele complexo, uma operação difícil, muito sensível, porque são 350 mil pessoas que vivem lá e são pessoas de bem; a grande maioria trabalhadores, estudantes, pessoas idosas, famílias que estão estranguladas pelo tráfico, uma missão muito difícil.

E tivemos, esta semana, estas três baixas: três jovens, três famílias enlutadas. Mas vamos continuar trabalhando, essa é a nossa missão.

E é o Exército que está em todos os lugares deste País. Os senhores imaginem, eu venho da Amazônia, estive no Comando Militar da Amazônia por dois anos, e nós ainda temos, neste País, pessoas que bebem água da chuva. Acreditam nisso, Ver.^a Mônica Leal e Ver.^a Comandante Nádia? Mas o Exército está lá, está lá com a Força Aérea e com a Marinha do Brasil. Esse é o Exército, o guardião da Constituição Nacional, o guardião das leis, uma tropa que cumpre com a lei, que não trabalha ao arrepio da lei. Temos a certeza, a convicção de que esse é o pensamento comum de todos no nosso Exército. E se hoje o Exército, as Forças Armadas são uma das instituições com maior índice de credibilidade no País, não é pela força das armas, não é pelos nossos navios, pela força aérea, pelos nossos carros de combate, pela nossa artilharia, pelos nossos quartéis, pelo nosso efetivo, não é nada disso; é pelo valor dos nossos homens e mulheres, pela honestidade, pelo espírito de cumprimento de missão e pela disponibilidade de fazer o trabalho comunitário em prol do desenvolvimento nacional e a proteção das pessoas. Esse é o nosso Exército.

Eu agradeço a todos a atenção; agradeço mais uma vez à Ver.^a Mônica pelas palavras, bem como aos Vereadores Bosco, Comandante Nádia, Valter Nagelstein, Presidente desta Casa. O Exército está presente, disponível. Os senhores podem confiar no seu exército. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): O Ver. Márcio Bins Ely está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR MÁRCIO BINS ELY (PDT): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Prezados colegas da Associação dos Ex-Alunos do CPOR, temos nos encontrado no churrasco da engenharia nas quintas-feiras; Ver. Mônica Leal, muito convivemos com seu pai, que tinha uma característica de nos cumprimentar dando uma “pancada”, um homem muito firme, de postura firme. Quero dizer que não poderia me furtar de fazer também esse registro no Dia do Soldado, até porque devo muito do que hoje sou, da minha formação ao CPOR; sou ex-aluno, R2 de Cavalaria, fiz o curso em Porto Alegre e depois tive a honra, com o Cel. Danguí, de fazer o Estágio Intermediário – EI, em Uruguaiana, no Conde de Porto Alegre, General, no 8º RC Mec – 8º Regimento de Cavalaria Mecanizado, e foi uma experiência muito importante que marcou a minha passagem. Na época, o nosso querido Major Nascimento, hoje Cel. Nascimento, era quem nos orientava na Cavalaria. Então foi um período muito importante, que marcou, e tenho certeza de que todo o jovem brasileiro que tiver a oportunidade de servir no quartel sairá da caserna melhor do que entrou. Porque os exemplos de disciplina, de superação e o espírito de companheirismo que orientam a formação de um militar, quando ele serve aos dezoito anos, valem para uma vida toda. E as amizades que se formam na dificuldade, no campo em Butiá, em todas as ações e

situações que dizem respeito à formação, nos estandes de tiro, nas pistas de pentatlo, nas atividades esportivas, e também um espírito de amor ao Estado brasileiro, isso tudo nos desperta e nos remete, nesse momento e nesta oportunidade, a que possamos também estar fazendo esse registro. Este ano o CPOR completa 90 anos, e a nossa associação, 25 anos. E pode ter certeza de que vai ter um efetivo lá no 7 de setembro. Quantas vezes já não participamos, todos de terninho escuro, dando a nossa contribuição? E tudo isso é feito por amor e por reconhecimento à Pátria e ao Exército brasileiro.

Eu quero dizer que me orgulho muito de poder, sempre que possível, fazer aqui alguns registros alusivos a questões que digam respeito também ao Exército. Tenho amizades, companheiros da época de caserna que cultivo até hoje, e só guardo boas recordações.

Então não poderia me furtar, Presidente Valter, em nome do meu partido, eu sei que o Ver. Bosco também já se manifestou e demais Vereadores, mas faço o registro também em nome do PDT, pelo transcurso desse dia tão importante. Muito obrigado. (Palmas.)

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): Obrigado, Ver. Márcio Bins Ely. O Ver. Idenir Cecchim está com a palavra para uma Comunicação de Líder.

VEREADOR IDENIR CECCHIM (PMDB): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Infelizmente, General Miotto, eu não tive a honra de servir ao Exército Brasileiro, gostaria muito, mas como eu morava no Município de Ibiraiaras, lá perto de Lagoa Vermelha, era um Município novo, essencialmente agrícola, e não pude servir ao Exército Brasileiro. O General De Nardi já ouviu, certamente, essa minha história, eu cansei de contar, mas eu não canso de repetir, que a primeira vez que tomei contato com o Exército Brasileiro foi numa tragédia pessoal, lá no Município de Protásio Alves. Eu era pequeno, ainda não tinha me mudado para Ibiraiaras, quando morreu o Tenente Mirtes Fracasso, lá na Amazônia, pegou malária, e, no seu velório, foram os companheiros de farda do Exército levá-lo até lá. Eu lembro muito bem que, na dor da família do Mirtes Fracasso, todos nós, pequenos, ficamos olhando para aqueles soldados que carregaram o caixão do seu colega. E nos dias e meses seguintes, todos nós, a gurizadinha, dois irmãos do Tenente que havia falecido e mais todos os vizinhos, por muito tempo, brincávamos de soldados do Exército Brasileiro. E quando o pai do falecido se abraçou ao caixão e disse: “Meu filho, tu honraste a família, tu honraste o Brasil, tu morreste servindo o Exército Brasileiro”. Eu conto sempre essa história de alguém que não teve a honra de servir ao Exército, mas que tive a oportunidade, de pequeno, ter, nos soldados do Exército Brasileiro, um espelho, uma direção, e aprender com meu tio, que serviu – dois tios serviram ao Exército –, contando as histórias do Exército ainda quando jovem, aprendi a respeitar e admirar o Exército e

as Forças Armadas. O Dia do Soldado é de todos os soldados, do General, de todos os oficiais, inclusive da Brigada Militar, Comandante Nádia. Ver.^a Mônica Leal, V. Exa. que todos os anos presta esta homenagem, que faz essa deferência e nos dá oportunidade de ouvir as Forças Armadas, o Exército, aqui, eu quero cumprimentá-la mais um ano por isso, e dizer que a Câmara de Vereadores de Porto Alegre tem muita honra em ter a sede do Comando Militar do Sul nesta Cidade e aqui sediar o comando daqueles que garantem a ordem, a Constituição e as leis. Ouvi a fala do senhor pela metade – eu me atrasei um pouco –, mas ouvi o senhor dizer que não é à força que se ganha o respeito de uma Nação, não é com a força bruta, é com o exemplo. O Exército e as Forças Armadas dão o exemplo, e nós todos respeitamos o exemplo que V. Exas., que todos os oficiais e soldados dão para Porto Alegre, para o Rio Grande e para o Brasil. Felicidades e que o Exército e as Forças Armadas continuem assim, dando o exemplo para cada cidadão de bem e de boa vontade. Obrigado. (Palmas.)

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra em Comunicações.

VEREADOR REGINALDO PUJOL (DEM): (Saúda os componentes da Mesa e demais presentes.) Sr. Presidente, a voz me trai e eu me torno réu confesso das dificuldades momentâneas que tenho passado nos últimos dias e que me impedem de estar nesta Casa com a assiduidade que, ao longo do tempo, me acostumei a cumprir. Por isso, fiz um esforço pessoal para estar presente nesta homenagem ao Dia do Soldado, soldado do Exército de Caxias, o nosso marinheiro, o nosso aviador, o nosso fuzileiro naval, enfim, a todos aqueles que, no glorioso Exército Brasileiro, nas Forças Armadas Brasileiras e também na Marinha Nacional, junto às forças auxiliares, onde se inclui, Ver.^a Comandante Nádia, de forma muito especial, a nossa Brigada Militar do Rio Grande do Sul, a todos eles a nossa maior e mais intensa homenagem.

O Ver. Cecchim é um dos tantos integrantes desta Casa, cujas origens são distantes da nossa Capital. Eu não fujo à regra, provenho da fronteira do Rio Grande, do garrão do Rio Grande do Sul, da minha querência querida, a minha Quaraí. Por isso, Cecchim, mais do que o vínculo por ter, durante um bom tempo, no Batalhão Santos Dumont, lá no Rio de Janeiro, mais do que por esse período, os meus vínculos com o Exército são muito profundos, desde o tempo da minha meninice. Nenhum quaraense desconhece a importância do nosso 5º Regimento de Cavalaria Independente na estrutura da nossa cidade, no seu crescimento e no seu desenvolvimento. Por isso penso que eu sou uma das pessoas mais autorizadas, perdoem-me em modéstia, a dizer que posso testemunhar, desde menino, a relevância do Exército Brasileiro não na guerra; na paz e na construção de uma sociedade justa e na afirmação da nacionalidade realizada às beiras do Rio Quaraí, com muita integridade, como homens como o Major Aloysio Falcão, o General Edison Guedes e tantos outros que comandaram o nosso regimento. Por isso, no dia de hoje, confessando desde logo meus vínculos com os militares

brasileiros, tanto do Exército como da gloriosa Brigada Militar do Rio Grande do Sul, eu não posso me omitir de compartilhar e me somar, em nome do meu partido, o Democratas, na homenagem que a Câmara Municipal, com toda a justiça e por iniciativa da nossa querida Ver.^a Mônica Leal, mais uma vez presta aos nossos soldados da Pátria, aos soldados que, diuturnamente, como bem afirmou o nosso General Miotto, no dia de hoje, cumprem na paz, com muito mais eficácia, aquilo que, felizmente, poucas vezes foram chamados a fazer em tempos de guerra. E nós poderíamos dizer que a leitura daquele documento, aqui realizada, no dia de hoje, do que poderia ser entendido por alguns mais apressados como a prova de uma rendição, é a comprovação de uma afirmação. A afirmação dessa vocação do Exército Brasileiro, que Duque de Caixas, com muita propriedade, muita competência e muita soberania soube representar. A eles no passado, e aos senhores no presente o nosso reconhecimento dessa instituição, que é a própria unidade nacional, como bem foi asseverado no dia de hoje, que pode estar um dia lá na fronteira da Venezuela e no outro lá na fronteira com o Uruguai, na minha Quaraí. Ao Exército de Caxias as minhas homenagens. (Palmas.)

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): Muito obrigado, Ver. Reginaldo Pujol. Agradeço aos Vereadores Reginaldo Pujol, Idenir Cecchim, Comandante Nádia, João Bosco Vaz, Márcio Bins Ely e aos senhores Vereadores que aqui estão conosco, Vereadores João Carlos Nedel, Dr. Goulart, Aldacir Oliboni, Felipe Camozzato, Cassiá Carpes, enfim, agradeço a todas as senhoras e senhores oficiais, soldados, suboficiais do Exército, das Forças Armadas, aos nossos veteranos de Suez, aos nossos colegas também da Brigada Militar, aos representantes do clube Geraldo Santana, sejam sempre muito bem-vindos; do nosso Gboex, da nossa Liga de Defesa Nacional, a todos muito obrigado, mais uma vez, Sr. Comandante. Esta Casa está em festa por recebê-los aqui e por homenagear o Dia do Soldado Brasileiro. E eu tenho certeza daquilo que o senhor disse, as palavras convencem, mas o exemplo arrasta. Que o exemplo do soldado e do Exército Brasileiro arrastem o nosso Brasil a dias melhores.

Convidamos todos os presentes para, em pé, ouvirem o Hino Rio-Grandense e, logo após, a Canção do Exército, executados pela Fanfarra do 3º Regimento de Cavalaria de Guarda, sob a regência do Tenente Braga.

(Procede-se à execução do Hino Rio-Grandense e da Canção do Exército.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB): Estão suspensos os trabalhos para as despedidas.

(Suspendem-se os trabalhos às 15h43min.)

PRESIDENTE VALTER NAGELSTEIN (PMDB) – às 15h53min: Estão reabertos os trabalhos.

Passamos à

TRIBUNA POPULAR

A Tribuna Popular de hoje terá a presença do Instituto dos Arquitetos do Brasil -Departamento do Rio Grande do Sul – IAB-RS, que tratará de assunto relativo ao Fundo Monumenta. O Sr. Lucas Volpatto, representando a entidade, está com a palavra, pelo tempo regimental de 10 minutos.

SR. LUCAS VOLPATTO: Prezados Vereadores, fico muito contente em ter esta oportunidade hoje. É a primeira vez, e o faço com muita alegria, pois me sinto ouvido. O que motiva a minha fala é um pedido de um cidadão, de um porto-alegrense que ama esta Cidade, que trabalha com patrimônio histórico, e também sou membro do Conselho, o Compahc. O meu pedido vem pela manutenção desse fundo, o Fundo Monumenta. Sei que foi feito um ajuste na pauta, mas que saia um pouco da origem desse fundo que era beneficiar os proprietários de imóveis no Centro Histórico. A minha defesa, o meu pedido é sobre essa atenção. É que este fundo, o Fumpoa foi criado em 2002 com o intuito específico de restaurar o Centro Histórico e, com essa restauração, além dos imóveis públicos, ela se estendia aos imóveis privados, e, com essa extensão dos imóveis privados com financiamento de 12 e 15 anos, em quase 20 anos, o fundo já acumulou R\$ 11 milhões. A importância desse fundo é que ele é cíclico, não teria fim, seria autossustentável e tem o caráter de ser um modelo de gestão. A única cidade do Brasil que possui um fundo desses que ainda está ativo e recebe parcelas dos proprietários que ainda estão pagando as suas reformas é Porto Alegre. É importante que esse fundo continue, porque a fase em que o Centro Histórico teve o seu apogeu na revitalização foi quando o Monumenta esteve em voga, quando os proprietários restauraram na Rua da Praia, na Rua Riachuelo, na Praça da Alfândega. O Clube do Comércio foi restaurado, inclusive, com esse fundo. A importância desse fundo é tão grande em relação à Cidade porque é o único benefício para o proprietário de um bem tombado, que é tão prejudicado. Eu tenho clientes proprietários de imóveis tombados que se sentem lesados por ter um imóvel cuja propriedade é um pouco lesada, digamos assim. A única vantagem que ele teria seria tirar um financiamento a juros perdidos através do convênio que foi feito com o Ministério da Cultura. Afinal de contas, a origem desse dinheiro que rendeu esses R\$ 12 milhões é federal, através de um convênio, e a Prefeitura tem que honrar esse convênio até 2022. Com a exclusão desse fundo, como é que vai ficar esse convênio, como é que vai ficar esse acordo com o Ministério da Cultura? O rendimento é interno, existe um aporte anual do Município de R\$ 200 mil, que é uma contrapartida, mas que serve para fazer o fomento do restauro dentro da Cidade e, com isso, restaurar as áreas urbanas. Além do restauro das áreas urbanas, você vai trazer economia para o local, porque você vai provocar a construção civil e vai melhorar o valor dos imóveis das regiões que estão sendo contempladas por esse fundo, pelos imóveis que estão sendo restaurados.

Por isso eu acho que é fundamental pensarem, os Vereadores aqui presentes, na questão da extinção desse fundo para esse fim. Eu acho que a Prefeitura pode, na minha opinião, obviamente, continuar usando o fundo para bens da própria Prefeitura, bens públicos, desde que ela entre também no mecanismo de financiamento desses fundos. Esse fundo tem a importância de ser um exemplo de gestão para o Município e para a Federação, por isso foi feito um convênio. Eu acho que nós extinguirmos um fundo desses seria um retrocesso, uma insensatez para uma Cidade que está cada vez mais degradada, e, mesmo assim, nós gostamos de viver nela. Por que não experimentar viver numa cidade que tem um modelo de gestão de patrimônio histórico e que possui um fundo financiador para emprestar para proprietários? Eu defendo aqui os proprietários que não têm oportunidade nenhuma, muitas vezes, proprietários que herdaram imóveis e que não têm condições de mantê-los, e que têm essa oportunidade. Infelizmente, com esse projeto de lei, corre-se o risco de não existir mais esse fundo, de não cumprir a finalidade para a qual foi criado, que era a de restauração de bens privados.

Existe, já, uma lista bem grande dos exemplos positivos. Acho que temos que mostrar, para depois entrarmos num consenso. Então, tem o Clube do Comércio, que foi restaurado e está na Praça da Alfândega; temos esses dois edifícios, que são na Av. Andradas e para onde as pessoas hoje vão fazer *happy hour*; o Monumenta esteve ali na Igreja Anglicana, esteve em mais dois edifícios privados; um dos edifícios residenciais mais antigos na Cidade, na Rua Riachuelo; o viaduto Otávio Rocha, que está tão degradado e o entorno também pode estar degradado, e também foi beneficiado há 15, 20 anos; o Hotel Praça da Matriz, também revitalizado e está num ponto tão importante da Cidade; o edifício Sulacap e outros edifícios residenciais. Ou seja, financiou-se até condomínios, que puderam restaurar e deixar os seus imóveis em excelentes condições, aumentando o valor de mercado, inclusive do entorno. Um edifício restaurado é como uma metástase positiva, ele melhora o seu entorno. E ainda existe uma lista de interessados, que, infelizmente, devido a um desinteresse da Caixa Econômica, que fazia a gestão desse recurso e resolveu não fazer mais, e pelo conselho curador não ter conseguido se acertar com o Banrisul ou com outro banco, isso está parado. Até duas semanas atrás havia um acordo com o BRDE de que seria alavancado, mas que, infelizmente, recuou por causa desse projeto de lei. É muito importante esse fundo – volto a repetir –, acho que a Cidade merece ter esse diferencial, ela já teve esse diferencial quando o fundo foi implantado como um caso de sucesso, e tem uma porção de imóveis que está em situação degradada e que poderia ser beneficiada. São proprietários que estão interessados em utilizar esse fundo. Por isso reforço, faço este pedido como arquiteto, como professor universitário que sou, formador de opinião, como atuante no Compahc, peço que os senhores reflitam e falem com os colegas Vereadores que não estão presentes sobre o Fundo Monumenta. Este fundo foi criado com as melhores das intenções, é um fundo que tem rendimentos, tem movimentação e que tem um prazo para estar funcionando até 2022. Nós não estamos muito longe de 2022, mas também não estamos perto. Nós temos muito tempo para ver esse fundo acontecer e para ver as transformações que ele pode fazer na Cidade, porque não é só o

Centro Histórico que pode ser beneficiado, você pode abranger o 4º Distrito, Independência, qualquer outro bairro que tenha tido algum tipo de inventário e que reconheça bens culturais.

Então eu peço, novamente, um pouco de reflexão de vocês, dos seus colegas, peço como cidadão porto-alegrense, não estou pedindo como IAB, não estou pedindo como Compahc, não estou pedindo como arquiteto, peço como um cidadão que gosta da Cidade, como imagino que vocês, que são servidores...

(Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)

(Presidente concede tempo para o término do pronunciamento.)

SR. LUCAS VOLPATTO: ...que esse fundo possa continuar contribuindo com a melhoria do Centro da Cidade. Podemos, sim, ajustar como Conselho Curador que alguns imóveis da Prefeitura, públicos, possam ser contemplados, isso é óbvio, a gente quer a cidade melhorada, o Paço precisa, o Viaduto Otávio Rocha e tantos outros precisam. Mas o proprietário, vocês bem sabem, é o mais lesado nisso, e o fundo era uma das alternativas que ele tinha. Obrigado a todos.

(Não revisado pelo orador.)

(A Ver.^a Mônica Leal reassume a presidência dos trabalhos.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

VEREADOR REGINALDO PUJOL (DEM): Presidente, quero, antes de tudo, cumprimentar o arquiteto pelo seu pronunciamento, acho extremamente importante e atual, na medida em que estamos vivendo algumas situações, até mesmo aqui na Câmara de Vereadores, onde o Projeto Monumenta entra em discussão direta ou indireta. Acho que suas inteligentes observações feitas devem contribuir para que algumas coisas aconteçam em nível Legislativo, muitas das quais já preparadas para acontecer. A primeira delas, faço questão de realçar, é que não é a intenção do Parlamento Municipal dar guarida à qualquer ação que, eventualmente, possa diligenciar direta ou indiretamente na extinção ou negação da participação do Município no Fundo Monumenta. Quem sabe V. Exa. esteja vivendo momentos de complicação que já começam em Brasília, muitos dos quais falando lá em até extingui-lo. Nós aqui não entraríamos em nenhum projeto dessa ordem. Está havendo algumas alterações aqui; já outras, nós começamos a tranquilizar a Casa, são muito mais no sentido de regularizar determinadas situações que ocorreram até 2016 e que, nem de longe, pretende chegar a esse ponto. Aliás, uma emenda protocolada no dia 15 deste mês, do próprio Governo Municipal, autor da lei a que eu estou me referindo, exclui, de forma explícita, o Fundo Monumenta e estabelece o seu permanente compromisso com

a finalidade pelos quais ele foi instaurado. Isso não importa que a gente deixe de discutir o projeto global de preservação dos prédios de valor histórico-cultural no Município de Porto Alegre, os quais eu, declaradamente, entendo que têm sido vítimas de exageros absolutamente desnecessários e contrários à verdadeira preservação. Porto Alegre, hoje – não tombados, mas listados –, tem cerca de 5 mil imóveis e não tem condições sequer de cumprir as suas finalidades em 500, que são 10% do total. O senhor, com muita propriedade, colocou que, na ênfase de preservar os prédios públicos, patrimônios tombados e atirados, se pratique exageros que comprometam seus objetivos. Ultimamente, a gente vê com alegria que a antiga Escola de Engenharia foi recuperada pela Universidade Federal e vai ser aberta ao público dentro de muito breve, com um bom auditório, com várias situações dignas de serem preservadas e, mais do que dignas, que obrigatoriamente precisam ser preservadas. Então a sua vinda hoje aqui, Doutor, nos permite o enfrentamento desse assunto com a maior tranquilidade possível, porque, muitas vezes, as pessoas dizem “olha, o Ver. Pujol é contra o patrimônio histórico.” Muito antes pelo contrário, sou a favor, tanto que quero preservar mesmo, não atirado como ficou por muito tempo, e ainda continua, o viaduto Otávio Rocha, completamente desvirtuado da sua finalidade, o qual espero que, com um esforço coletivo de toda a sociedade porto-alegrense, possa ser restaurado na sua plenitude não só pelo seu valor arquitetônico e cultural, mas, sobretudo, pela simbologia que representa dentro da cidade de Porto Alegre. Bem-vindo a Casa, muito obrigado pelas suas sábias e bem formuladas colocações a respeito do tema. Obrigado, Sra. Presidente.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Dr. Goulart está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

VEREADOR DR. GOULART (PTB): Sra. Presidente, queria fazer só uma comunicação: eu estou convicto de que essa briga, de que essa interfase em sendo mal acertada, das reuniões acontecerem agora aqui na Câmara... Inclusive pedi uma reunião na casa do Ver. Pujol, deixei nosso colega professor de sobreaviso caso ela acontecesse, chamei outros colegas, chamei o Adeli que viria conosco, porque iríamos fazer uma conversa para que a gente encerrasse, parasse essa confusão que não leva absolutamente a nada para os funcionários, para ninguém. Então, agora eu resolvi falar, estava aguardando por algum tempo, porque conversei com mais colegas nossos, e nós precisamos dar um jeito nessa situação de não ter quorum nunca, de não ter nunca o que resolver, nunca o que votar. Voltarei a falar nesse assunto. Obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Prof. Alex Fraga está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

VEREADOR PROF. ALEX FRAGA (PSOL): Obrigado, Ver.^a Mônica Leal, que preside a Sessão; Sr. Lucas Volpato, representando o Instituto dos Arquitetos do Brasil, gostaria de fazer uma saudação especial a ti e a teus colegas em nome da Bancada do PSOL, que, desde o protocolo desse projeto de lei aqui na Câmara de Vereadores, temos uma divergência profunda com relação às modificações propostas pelo Sr. Prefeito, Nelson Marchezan Júnior. Nós entendemos que os fundos municipais são verbas destacadas para áreas específicas, que não estão destacadas dentro da Lei Orçamentária e que têm também sua parcela de contribuição para decisão democrática do destino de recursos para áreas em que o Executivo não necessariamente tem como prioridade, a questão do Fundo Monumenta, a questão dos fundos municipais para o meio ambiente, criança e adolescente, idoso, todos eles apresentam uma vinculação muito próxima com uma área social particular, específica. Vou te confessar que eu nunca tinha me debruçado sob o Fundo Monumenta, a minha área é ambiental, portanto estou muito a par da parte da criança e do adolescente, porque sou professor, também do Fundo do Meio Ambiente. E me assusta muito a possibilidade de nós termos a reversão dos recursos desses fundos para o caixa único se não forem utilizados. A questão do projeto inicial que foi protocolado também me assusta, porque acaba com dois fundos, entre eles o Fundo Monumenta. E nós tivemos, ontem, a rejeição de cinco emendas. Portanto, eu não posso especular o que virá nas próximas Sessões, não quero fazer estimativas, mas, se continuarmos nesse passo de rejeição de tudo o que vem sendo proposto, o Fundo Monumenta tem a sua extinção prevista. Eu espero que isso não aconteça. Eu espero que esta Casa Legislativa possa rejeitar esse projeto, com respeito ao trabalho do Prefeito, nós achamos que ele está completamente equivocado. Os fundos devem persistir e eles devem ser destinados às áreas-fim, às áreas correlatas, decididos, em parte, pelos representantes eleitos pela população de Porto Alegre e as suas entidades representativas. Então, um grande abraço para ti e para os seus colegas, e sigamos enfrentando esse projeto e a contrariedade aos problemas que ele possa acarretar para a nossa Porto Alegre.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Sr. Lucas Volpato, eu gostaria de fazer um registro, como fui Secretária de Estado da Cultura, em 2008, muito a minha gestão esteve focada no patrimônio cultural, por uma razão muito simples: é a nossa história, é a nossa memória. Então, esses exemplares históricos da nossa arquitetura devem, sim, receber um olhar especial, com muita atenção, sob pena de se perderem em pouco tempo. O nosso cartão postal da Capital dos gaúchos fica sem os exemplares que são extremamente importantes.

O Ver. João Carlos Nedel está com a palavra, nos termos do art. 206 do Regimento.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL (PP): Meu prezado amigo, Lucas Volpato, que tem grandes trabalhos em benefício da nossa Cidade, em especial lá na

Igreja das Dores, eu conheço o seu trabalho de muito tempo, tudo o que está sendo feito de bom lá é V. Sa. que está fazendo. Parabéns e muito obrigado.

Sobre os fundos há muita divergência e falta de informações. O que há efetivamente? A gestão anterior zerou financeiramente, não contabilmente, retirou todos os recursos dos fundos, inclusive os fundos de terceiros, inclusive fundos que não eram da Prefeitura, o Fundo do Idoso, o Fundo da Criança e do Adolescente, zerou financeiramente. Os recursos foram retirados para pagar as contas da Prefeitura, especialmente salários. O que a atual gestão está pedindo? A aprovação dessa lei com a possibilidade de reversão financeira de todos os fundos, menos os fundos de terceiros, ou seja, em 2016, zera, e, em 2017, começa tudo novamente, não se extingue nenhum fundo, menos o Monumenta e o Fundo de Compras Coletivas, esses dois fundos serão extintos, mas os outros continuarão normalmente e já têm as suas verbas de 2017 e 2018. Não vai ser nenhum extinto, a não ser esses dois – é o que diz a lei.

Sobre o Fundo Monumenta, eu até lhe passei uma mensagem retificativa, Ver.^a Mônica. O Fundo Monumenta, e esse é um dos pontos que o Lucas veio aqui defender e ele tem razão, o Fundo Monumenta era usado também para financiar reforma de prédios particulares tombados, e que nós temos muitos aqui em Porto Alegre. E ele demonstrou aqui claramente que esses prédios históricos foram bem investidos e foram também atualizados dentro dos parâmetros. Bom, como o Fundo Monumenta não vai ter mais recursos para isso, mas as amortizações feitas desses financiamentos para essas obras particulares estão ingressando na Prefeitura. Então, esses recursos serão todos contabilizados no Fundo de Reforma do Município, especialmente dos prédios históricos. Porém – e aí sim essa é a diferença – somente para prédios públicos históricos e não os particulares históricos, é o que o Lucas está defendendo. Mas como não vai haver recursos, não terá como financiar os dois tipos de prédios históricos, os particulares e os públicos. Então, ficará só para os públicos e, especialmente, para a reforma, segundo informações não especificadas em lei, estão prédios históricos de Porto Alegre, mas explica-se que serão aproveitados para reformas do viaduto Otávio Rocha, especialmente.

Quero agradecer a sua presença, foram muito bem feitas as colocações, acho que são importantes, mas, tristemente, foram encerrados todos os recursos do Fundo Monumenta, então, não haverá recurso para os dois tipos de patrimônio histórico. Obrigado, parabéns pela sua presença. Muito obrigado.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Feito o registro, Ver. Nedel. A Lucas Volpato eu diria que a explicação do Ver. Nedel é muito produtiva e eu acrescentaria que seria muito importante constar na redação da lei que se possa fazer essa restauração em prédios públicos e que a sociedade também participe disso. A participação da sociedade é tão importante nesse processo, à medida que é o cartão postal da Capital dos gaúchos. Então, eu mesma me comprometo em verificar a redação da lei para que isso fique bem claro e que não tenhamos surpresa.

Estão suspensos os trabalhos para as despedidas.

(Suspendem-se os trabalhos às 16h20min.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP) – às 16h21min: Estão reabertos os trabalhos.

Passamos à

PAUTA - DISCUSSÃO PRELIMINAR

(05 oradores/05 minutos/com aparte)

1ª SESSÃO

PROC. Nº 0332/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 020/18, de autoria do Ver. Ricardo Gomes, que concede o título de Cidadão de Porto Alegre ao senhor Percival Oliveira Puggina.

PROC. Nº 0392/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 028/18, de autoria da Ver^a Cláudia Araújo, que inclui a efeméride Dia do Cuidador Voluntário no Anexo da Lei nº 10.904, de 31 de maio de 2010 – Calendário de Datas Comemorativas e de Conscientização do Município de Porto Alegre –, e alterações posteriores, no dia 26 de agosto.

PROC. Nº 0450/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 032/18, de autoria do Ver. José Freitas, que veda ao Município de Porto Alegre a concessão de incentivos fiscais a empresas condenadas por corrupção de qualquer espécie.

PROC. Nº 0524/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 037/18, de autoria do Ver. Rodrigo Maroni, que denomina Rua Marielle Franco o logradouro público cadastrado conhecido como Passagem Cinco Mil e Vinte e Dois, localizado no Bairro Aberta dos Morros.

PROC. Nº 0869/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 081/18, de autoria do Ver. João Bosco Vaz, que denomina Campo de Futebol Luiz Carlos Oliveira (Bolinha) o próprio municipal existente dentro do Parque Ararigbóia.

PROC. Nº 0999/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 089/18, de autoria da Ver^a Sofia Cavedon, que inclui a efeméride Dia Municipal Contra o Trabalho Infantil no Anexo da Lei nº 10.904, de 31 de maio de 2010 – Calendário de Datas Comemorativas e de Conscientização do Município de Porto Alegre –, e alterações posteriores, no dia 12 de junho.

PROC. Nº 1168/18 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 104/18, de autoria do Ver. Cassiá Carpes, que concede o título de Cidadão de Porto Alegre ao senhor Edir de Quadros.

PROC. Nº 0842/18 – PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 017/18, de autoria da Ver^a Sofia Cavedon, que concede o Diploma Honra ao Mérito ao Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS.

PROC. Nº 1134/18 – PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 022/18, de autoria do Ver. André Carús, que concede a Comenda Porto do Sol à Casa do Alegrete.

2ª SESSÃO

PROC. Nº 2480/17 – PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO Nº 272/17, de autoria do Ver. Airto Ferronato, que estabelece que as pessoas a partir de 60 anos de idade e aquelas com deficiência poderão escolher o local de atendimento nos serviços de saúde do Município conforme critérios que especifica.

PROC. Nº 3216/17 – PROJETO DE LEI DO EXECUTIVO Nº 027/17, que autoriza o Município a receber, em doação, 2 (duas) áreas de terras do Estado do Rio Grande do Sul, para fins de assentamento e regularização fundiária da Vila Liberdade, situadas na entrada da cidade, bem como doá-las ao Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB), com mais outra lindeira, que poderá transmiti-las, no todo ou em parte ao Fundo de Arrendamento Municipal (FAR) da Caixa Econômica Federal (CEF), no Programa Minha Casa Minha Vida .

PROC. Nº 0726/18 – PROJETO DE EMENDA À LEI ORGÂNICA Nº 001/18, de autoria do Governo Municipal, que altera o inc. XIII do art. 31 da Lei Orgânica do Município de Porto Alegre. (Altera regime de trabalho do funcionalismo municipal.)

Com Emenda nº 01.

PROC. Nº 0732/18 – PROJETO DE EMENDA À LEI ORGÂNICA Nº 002/18, de autoria do Governo Municipal, que revoga o art. 45 da Lei Orgânica do Município de Porto Alegre, que trata da concessão de licença especial aguardando aposentadoria, computando-se o tempo como de efetivo exercício para todos os efeitos legais. **Com Emenda nº 01.**

PROC. Nº 0733/18 – PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR DO EXECUTIVO Nº 009/18, que altera dispositivos da Lei Complementar nº 478, de 26 de setembro de 2002, que dispõe sobre o Departamento Municipal de Previdência dos Servidores Públicos do Município de Porto Alegre (PREVIMPA), disciplina o Regime Próprio de Previdência dos Servidores do Município de Porto Alegre. **Com Emendas nºs 01 a 16.**

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Reginaldo Pujol está com a palavra para discutir a Pauta.

VEREADOR REGINALDO PUJOL (DEM): Sr. Presidente, Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, de forma muito expressiva, o Ver. Bosco é praticamente o dono da Pauta no dia de hoje, com várias propostas muito boas e com as quais eu me solidarizo por inteiro, especialmente na escolha de alguns homenageados que, seguramente, são pessoas que o Bosco, com a sua vinculação com a área do Esporte, soube muito bem reconhecer, como é o caso do nosso ex-colaborador aqui da Casa, jornalista do esporte amador, Luiz Carlos Oliveira, o Bolinha, cujo nome o Ver. João Bosco Vaz denomina Campo de Futebol Luiz Carlos Oliveira o próprio municipal existente dentro do Parque Ararigóia. Meus cumprimentos, bem pensada a homenagem. De outro lado, quero salientar, e o Bosco sabe perfeitamente bem da minha sinceridade, ao elogiar a decisão do Ver. Cassiá Carpes, que concede o título de cidadão de Porto Alegre ao Sr. Edir de Quadros, um baluarte do esporte amador da cidade de Porto Alegre. A quem homenageei no passado com outro título que infelizmente foi extinto, que era do desportista emérito, que seria por inteiro na figura do Edir.

Então, a vocês dois eu quero enfatizar a minha solidariedade em relação a essas propostas. O Ver. Bosco me falou que está homenageando também o Rui, o França, figuras notáveis que quem viveu o esporte de Porto Alegre nos últimos 30, 40 anos não pode desconhecer. Bosco, meus cumprimentos. Cassiá, meus cumprimentos.

E quero agora dizer de uma preocupação minha, meu caro Ver. Dr. Goulart. V. Exa., desde o tempo em que era Diretor do DEMHAB, sabe das preocupações que tenho com a quantidade de áreas que o Município, via DEMHAB, transfere para a Caixa Econômica Federal para execuções dos projetos do Programa Minha Casa, Minha Vida, que, se não está extinto, está batendo asas. V. Exa. se lembra que eu o alertava que a Caixa Econômica Federal ia ser a maior latifundiária do Município de Porto Alegre, pois há milhares de metros quadrados transferidos para a Caixa Econômica para a execução desses projetos, que nos encantam no anúncio e nos desencantam na não realização. Então, eu quero anunciar, desde já, que vou cuidar muito bem desse projeto. Eu acho que o atual Diretor do DEMHAB é uma bela criatura, é originário da Caixa Econômica Federal, um técnico da área, creio que vamos ter que chamá-lo aqui para discutirmos os termos de mais essa área, lá no bairro Liberdade, próximo da Arena do Grêmio, que é cedido para regularização da situação daqueles poceiros que há mais tempo postulam por isso.

Então, eu acho que a nossa Câmara de Vereadores, ultimamente – eu presto até uma homenagem ao Prefeito da Cidade –, tem sido muito destacada na mídia pela quantidade de projetos que nós, aqui, estamos discutindo, dizendo que nós estamos deixando de ser um lugar onde só se denominavam ruas e se faziam homenagem. E eu quero protestar, pois fazer homenagens é uma das importantes tarefas da Casa, que não pode somente ser um centro de lamúrias, também tem de ser um centro de reconhecimento a valores daqueles que, em vida ou até mesmo na atualidade, dão...

(Som cortado automaticamente por limitação de tempo.)

(Presidente concede tempo para o término do pronunciamento.)

VEREADOR REGINALDO PUJOL (DEM): ...a um ou a outro setor, muito da sua vida, muito do seu entusiasmo. É o caso dos homenageados aqui referidos no dia de hoje, e é também a razão pela qual eu antecipo, desde já, a renovação da minha pugna dentro da área da minha competência, em relação a essa utópica disposição anunciada pelos planos governamentais na área federal, de fazer milhões de casas populares nesse País, quando não consegue fazer nem centenas, que dirá milhares ou milhões. Obrigado, Presidente pela sua atenção e pelo brilho com que V. Exa. tem conduzido dos trabalhos nesta Casa.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): O Ver. Prof. Alex fraga está com a palavra para discutir a Pauta.

VEREADOR PROF. ALEX FRAGA (PSOL): Boa tarde senhoras e senhores, prometo ser bastante breve. Eu subi a tribuna, porque percebi que entre os projetos que estão em 2ª Sessão de Pauta, encaminhados a esta Casa Legislativa, tem o PELO nº 002/18, que dispõe sobre a retirada do art. 45 da Lei Orgânica do Município de Porto Alegre, que trata sobre a concessão de licença especial para aguardar a aposentadoria. Eis que, nesta gestão, nós estamos percebendo um grande número de municipais pedindo a aposentadoria. Essa grande quantidade, essa grande demanda não consegue ser prontamente atendida, e, no momento em que um servidor pede para se aposentar, levam até seis meses para que, efetivamente, a Prefeitura consiga encaminhar toda a papelada, toda a documentação, para que ele possa usufruir sua aposentadoria. É justamente por conta dessa demora do Executivo que existe essa licença especial, quando o servidor efetivamente contribuiu com seu serviço, com sua força laboral para a nossa Cidade, e que, pedida a sua aposentadoria, o próprio Executivo não tem condições de atender essa demanda prontamente. E o art. 45 da Lei Orgânica do Município garante que, tendo cumprido com a sua jornada laboral, seus anos de dedicação a esta Cidade, o servidor peça a aposentadoria e, enquanto o Executivo não consegue providenciar a documentação e efetivamente encaminhar a aposentadoria para o servidor, ele entra em licença. Ou seja, a licença existe por conta da incapacidade que o Executivo tem de atender a demanda. E esta gestão, em especial, tem demorado muito. Não porque os servidores fazem corpo mole, os servidores não trabalham, mas porque o Prefeito desta Cidade tem pressionado os municipais, tem assediado os trabalhadores deste município de todas as áreas, educação, saúde, assistência social, e, por conta disso, boa parte daqueles que já cumpriram o mínimo necessário para requerer a aposentadoria está fazendo, mesmo aqueles que têm saúde, condições e ainda energia para se dedicar ao serviço público por mais alguns anos estão

optando por encaminhar a sua documentação e os seus pedidos de aposentadoria. Portanto, essa demanda majorada por conta da atitude assediadora do Prefeito Nelson Marchezan Júnior está dilatando o tempo que a Prefeitura demora para distribuir, encaminhar ou desenrolar a documentação dos servidores desta Cidade. Então, essa demanda, esse art. 45, ele não é uma vontade do município, ele não é uma benesse, ele é, sim, a atitude assumida de um Executivo que concede uma licença enquanto não é capaz de entregar a papelada e efetivamente permitir que seus servidores se aposentem. Ou seja, o Prefeito propõe um projeto para retirar essa licença, talvez – e eu espero que seja – com a intenção de, entrado o pedido de aposentadoria, imediatamente ser atendido pelo Executivo, coisa que eu duvido que aconteça, porque não vai haver essa agilidade toda. O que vai acontecer com esse servidor se, por um acaso, alguém “sentar em cima” da sua documentação e demorar mais um, dois, três anos até que seus papéis sejam destravados? A licença é uma forma protetiva por conta da incapacidade que o Executivo tem em agilizar os trâmites burocráticos de liberar a documentação para as aposentadorias. Portanto, a minha discordância desse projeto. Um grande abraço a todos.

(Não revisado pelo orador.)

PRESIDENTE MÔNICA LEAL (PP): Estão encerrados os trabalhos da presente Sessão.

(Encerra-se a Sessão às 16h33min.)

* * * * *